

# **A UNIVERSIDADE E O ESTUDANTE- TRABALHADOR: UM ESTUDO DE CASO DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO - UCDB**

Mariluce Bittar  
Wilson Roberto Palermo Ortega<sup>1</sup>

## **I – INTRODUÇÃO**

Este artigo visa a apresentar os resultados parciais da pesquisa intitulada: **A Universidade e o Estudante-Trabalhador: um Estudo de Caso da Universidade Católica Dom Bosco – UCDB**, integrante do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq, e realizado na UCDB, Mato Grosso do Sul.

Os objetivos da pesquisa eram os seguintes:

- compreender a problemática do estudante-trabalhador e traçar o seu perfil;
- analisar as dificuldades enfrentadas por esse tipo de acadêmico para desenvolver a sua vida universitária; e
- contribuir com a pesquisa educacional brasileira no sentido de estudar uma realidade pouco conhecida: a de Mato Grosso do Sul.

---

<sup>1</sup> Acadêmico do 7º semestre do curso de Psicologia da UCDB e bolsista do PIBIC-CNPq.

Delimitando como objeto de estudo o ensino superior brasileiro no que diz respeito a uma de suas vertentes: o estudante-trabalhador dos cursos noturnos; optou-se pelo estudo de caso da Universidade Católica Dom Bosco - instituição onde se realiza a prática acadêmica da professora-orientadora e do bolsista do PIBIC-CNPq.

Partiu-se do pressuposto que a problemática do estudante-trabalhador, que está inserido no mundo do trabalho, e a ele se dedica quase que integralmente, difere-se em muitos aspectos do aluno que não trabalha e pode se dedicar exclusivamente ao curso superior. Desse modo, algumas questões básicas nortearam os pesquisadores em seus estudos, tais como:

- qual a origem social do universitário vinculado ao ensino particular?
- como o aluno concilia a sua condição de **estudante e trabalhador**?
- quais são as suas expectativas profissionais?
- como se desenvolve a sua vida acadêmica, isto é, que tipo de ambiente universitário usufrui e quais as atividades, no que se refere ao ensino, pesquisa e extensão lhe são proporcionadas?

Procurando responder a estas questões, as análises contidas neste texto compreendem o período do primeiro ano da pesquisa, desde agosto de 1995, até julho de 1996. Sendo assim, não possuem caráter conclusivo pois a pesquisa se estenderá por mais um ano, quando então poderá se ter uma visão mais clara e real do tema em pauta.

## II - UMA VISÃO DO PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Para a realização da pesquisa foram escolhidos quatro cursos de graduação da UCDB, que funcionam no período noturno: dois cursos de licenciatura - Pedagogia e Letras - e dois de bacharelado - Serviço Social e Direito. Fizeram parte da amostra os alunos dos últimos semestres, pois os mesmos já possuem uma certa maturidade acadêmica e já vislumbram as perspectivas do mercado de trabalho após formados.

Optou-se pelo tipo de amostragem não-probabilística acidental<sup>2</sup> de 50% em cada uma das salas de aula pesquisadas, atingindo um total de 142 (cento e quarenta e dois) acadêmicos.

O instrumento de pesquisa utilizado foi o questionário, contendo perguntas fechadas com múltipla escolha e poucas questões abertas. O questionário dividiu-se em três partes, e os conteúdos procuraram contemplar os questionamentos dos pesquisadores. A primeira parte foi constituída de dados pessoais como sexo, idade, estado civil, constituição familiar, entre outros, sendo denominada de **dados de identificação sócio-econômica do acadêmico**. A segunda parte - **dados sobre a escolaridade e vida acadêmica** - foi a mais longa, com perguntas sobre a opção do curso, dificuldades enfrentadas por frequentar o ensino noturno, total de horas dedicadas ao estudo, quem subsidia o curso etc. Finalmente, a última etapa - **dados sobre a vida profissional (trabalho)** - constituiu-se de questões relacionadas ao tipo de trabalho, horas semanais trabalhadas, perspectivas futuras com a nova profissão, entre outras.

---

<sup>2</sup> Amostragem não-probabilística acidental é aquela em que os elementos não são selecionados aleatoriamente e a amostra é formada por casos ou elementos que são possíveis de se obter até que se atinja o número ou tamanho desejado pela pesquisa (Barros e Lehfeld, 1986:107).

Antes da aplicação definitiva do instrumento de pesquisa nos cursos selecionados, foi aplicado um pré-teste a fim de verificar a

*“ambigüidade das questões, existência de perguntas supérfluas, adequação ou não da ordem de apresentação das questões, se as mesmas são muito numerosas ou, ao contrário, necessitam ser complementadas etc”* (Lakatos, 1985:129).

Este procedimento revelou-se de fundamental importância, não só para a adequação do instrumento de pesquisa, como também para que o acadêmico bolsista pudesse passar pela experiência de coleta de dados empíricos antes que os sujeitos da amostragem definitiva fossem pesquisados.

Após esta etapa passou-se à tabulação dos dados e elaboração dos gráficos, etapa esta que exigiu maior tempo e dedicação dos pesquisadores por se tratar de uma tarefa bastante complexa. Para Antonio Carlos Gil, *“a tabulação é o processo de agrupar e contar os casos que estão [presentes] nas várias categorias de análise”* (1987: 1690), podendo haver tabulação simples e cruzada. Para esta pesquisa foi utilizada a tabulação simples, que consistiu *“... na simples contagem das frequências das categorias de cada conjunto”* (Ibid.), sendo que esta contagem foi realizada manualmente; somente para a segunda fase - construção dos gráficos - foi preciso recorrer à Planilha de Cálculo ou Editor de Gráficos Excel for Windows, disponível como recurso de trabalho aos pesquisadores do PIBIC, no Laboratório de Informática da UCDB.

Faz-se necessário registrar que durante todo o desenvolvimento da pesquisa foram feitas leituras bibliográficas, para o embasamento teórico-metodológico do objeto de estudo.

### III – ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

#### 3.1. Quem é o estudante-trabalhador

Observando os dados empíricos da pesquisa, através dos gráficos correspondentes a cada questão do instrumento de coleta de dados, percebeu-se que a idade dos acadêmicos, cursando o último ano de graduação/noturno, está concentrada na faixa etária de 20 a 25 anos - 32%, de 25 a 30 anos - 27%. Em seguida, com uma porcentagem bastante significativa, estão os alunos com idade entre 30 a 35 anos - 19% e, de 35 a 40 anos - 11%. Somando-se estes dois últimos percentuais obtém-se o valor de 30% de formandos com uma idade muito madura para iniciar a carreira profissional, isto sem contar aqueles que se formam com 25 a 30 anos de idade, demonstrando que houve algum tipo de problema para que esses alunos pudessem desenvolver sua vida escolar dentro dos parâmetros normais, ou seja, quem começa a estudar aos sete anos de idade no primeiro ano da primeira série, sem nenhuma repetência, com aproximadamente 22 ou 23 anos já deve estar se formando.

Esta análise é procedente, pois os dados demonstraram que apenas 23% dos acadêmicos entraram na universidade com a idade variando de 16 a 20 anos de idade. Os outros iniciaram a graduação um pouco mais tarde: com 20 a 24 anos - 26%; com 24 a 28 anos - 15%; com 28 a 32 anos - 14% e, acima de 32 anos de idade, 22% do total de acadêmicos ingressam no curso superior. Isto vem demonstrar que o estudante-trabalhador encontra maior dificuldade para adentrar à universidade do que o aluno que não precisa trabalhar para custear sua própria subsistência; além disso ele é obrigado a pagar seus estudos e frequentar cursos do período noturno - horário em que normalmente deveria ser dedicado ao repouso.

Com relação ao sexo, observou-se a total predominância das mulheres - 70%, sobre os homens - 30%, embora seja necessário considerar que, dentre os cursos pesquisados, três são majoritariamente freqüentado por mulheres, conforme demonstram os seguintes dados obtidos na pesquisa:

CURSO	SEXO		TOTAL
	Feminino	Masculino	
Pedagogia	97%	3%	100%
Letras	77%	23%	100%
Serviço Social	100%	-	100%
Direito	29%	71%	100%

A inversão ocorre apenas no curso de direito, no qual, historicamente, a procura se dá mais pelo sexo masculino. O fato de que, no conjunto, tenha predominado o sexo feminino pode estar aliado aos cursos elencados pela pesquisa; este mesmo dado poderia ser diferente caso os cursos atingidos fossem os de Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas que têm o mesmo perfil do curso de Direito, no que diz respeito à demanda masculina.

Dos acadêmicos pesquisados, 53% são solteiros, 39% casados e 7% responderam outro tipo de estado civil: divorciado, separado, amasiado etc. A quantidade de filhos é pequena: 53% não têm filho; 20% responderam ter apenas um e 14% com dois filhos. Não se pode inferir que os 53% solteiros são os mesmos 53% que não possuem filhos, apesar de ser uma grande coincidência. Observou-se também que as famílias não são numerosas, pois, além do próprio acadêmico, mais

duas pessoas moram em sua casa - 18%; três pessoas – 19%; quatro pessoas – 21%; e, uma pessoa, 6%. Somando-se estes quatro percentuais, conclui-se que 64% dos alunos moram com uma a quatro pessoas em sua casa e, 29% com mais de quatro membros familiares, donde a afirmação de que as famílias do estudante-trabalhador seguem a mesma tendência da família brasileira de classe média, composta de quatro a seis membros.

Com relação ao número de pessoas que trabalham na família, 18% responderam que apenas uma pessoa trabalha; 44%, duas pessoas; 18%, três pessoas; e 11%, quatro pessoas, significando que na grande maioria mais de um membro da família, além do próprio acadêmico, necessita trabalhar para subsidiar as despesas familiares. Em relação à renda mensal, 15% dos alunos entrevistados declararam que a família recebe de um a quatro salários mínimos e 79% responderam que a renda é superior a quatro salários.

Perguntou-se também quem paga os estudos do acadêmico; 72% responderam ser ele próprio quem subsidia o curso; 18% disseram que o pai é quem paga; e 8%, outro membro da família. A propósito da mensalidade escolar, 63% dos acadêmicos não recebem nenhum tipo de bolsa de estudos para subsidiar o seu curso; 12% têm bolsa da própria UCDB; 19% recebem outro tipo de bolsa (não explicitada) e, 3% bolsa do local de trabalho. Os dados confirmam também a hipótese de que a maioria do estudante-trabalhador subsidia seu próprio estudo, o que vem corroborar a análise de que, antes de ser “estudante”, ele já era “trabalhador” e, portanto, já pertencente ao mundo do trabalho e às suas implicações.

A afirmação acima pôde ser constatada também quando se perguntou com que idade o aluno iniciou atividade remunerada; pelos dados coletados observou-se que os acadêmicos começaram a trabalhar com idade bastante precoce: 29% possuíam entre 10 a 15 anos e, 47%, de 15 a 20 anos, o que representa um percentual de 76% de acadêmicos; isto sem contar com os 15%

que ingressaram no mercado de trabalho com idade entre 20 a 25 anos, ou seja, enquanto cursavam a universidade.

Sobre os motivos pelos quais começaram a trabalhar, 63% responderam se tratar de necessidade financeira, colaborar no orçamento familiar e pagar os estudos; 13%, pela vontade de se tornar independente ou autônomo; 12%, para começar a exercer a futura profissão; e, apenas 6% por satisfação pessoal.

*“É interessante notar ainda que ao ingressar no processo produtivo em idade mais precoce que a dos jovens das camadas sociais mais privilegiadas, o estudante-trabalhador não passa pela chamada crise da adolescência pois o trabalho o transforma em **adulto** ao considerá-lo **trabalhador**. Portanto, ele chega ao ensino superior noturno impregnado das determinações do processo de produção: rotina, disciplina e submissão às regras estabelecidas pelo mundo do trabalho”* (Bittar e Bittar, 1993:129, grifos das autoras).

Talvez por estes mesmos motivos o estudante encontre resistência em se submeter à rotina e à disciplina acadêmica necessárias a quem frequenta a universidade. Os dados demonstraram que 33% dos acadêmicos disseram não dedicar **nenhuma** hora diária aos estudos e 32% se dedica **apenas uma hora**; 16% disse estudar 2 horas diárias; e 13%, de três a quatro horas. Nos finais de semana, 45% responderam dedicar-se de uma a quatro horas aos estudos, 23% de quatro a oito horas; e uma parcela significativa, 20%, anulou a resposta demonstrando, talvez, uma dificuldade em reconhecer que simplesmente não dedica nenhuma hora aos estudos nos sábados e domingos.

As poucas horas dedicadas aos estudos podem ser explicadas, em parte, devido ao total de horas dispensadas ao trabalho, pois 45% dos estudantes responderam que trabalham de 8 a 12 horas diárias e 32% de quatro a oito horas por dia,

demonstrando que realmente não sobra tempo para estudar e, mesmo quando há tempo (nos finais de semana), o acadêmico não consegue concentrar-se na disciplina dos estudos, tendo em vista a carga extenuante a que foi submetido durante a semana.

#### **IV – ANÁLISE SOBRE O CURSO, A UNIVERSIDADE E O TRABALHO**

Sobre o curso em que está matriculado, 52% responderam que foi escolhido em primeira opção e 22% porque oferecia maior possibilidade de emprego. A opção por um curso noturno ocorreu devido à necessidade de trabalhar durante o dia (61%) e, 25%, porque o seu curso só funcionava no período noturno, como é o caso do Serviço Social – único em Mato Grosso do Sul. Neste aspecto, foi oportuno fazer um quadro demonstrativo para ver a diferença entre os cursos:

### Motivos pela opção do curso noturno

Respostas	Cursos	TOTAL (%)
1. Porque o curso só funcionava à noite:	Letras	19
	Serviço Social	44
	Pedagogia	3
	Direito	35
2. Porque precisava trabalhar durante o dia:	Letras	72
	Serviço Social	40
	Pedagogia	86
	Direito	47

Observou-se uma predominância expressiva dos cursos de licenciatura, Letras e Pedagogia, sobre os de bacharelado: enquanto nos dois primeiros 75% e 86%, respectivamente, responderam que a opção pelo curso noturno deu-se pelo fato de precisar trabalhar durante o dia, os alunos do curso de Serviço Social e Direito apresentaram uma porcentagem bem menor, de 40% e 47%, respectivamente, o que vem mais uma vez confirmar que, de uma maneira geral, as licenciaturas abrigam os alunos de menor poder aquisitivo e com menos tempo para estudar, questão que merece maior aprofundamento teórico, haja vista a crise geral que vêm passando os cursos de licenciatura no Brasil.

Em relação ao total de horas dedicadas ao estudo, além da análise já feita no item 3.1, há que se observar que a grande maioria, 67%, não considera que as mesmas sejam suficientes

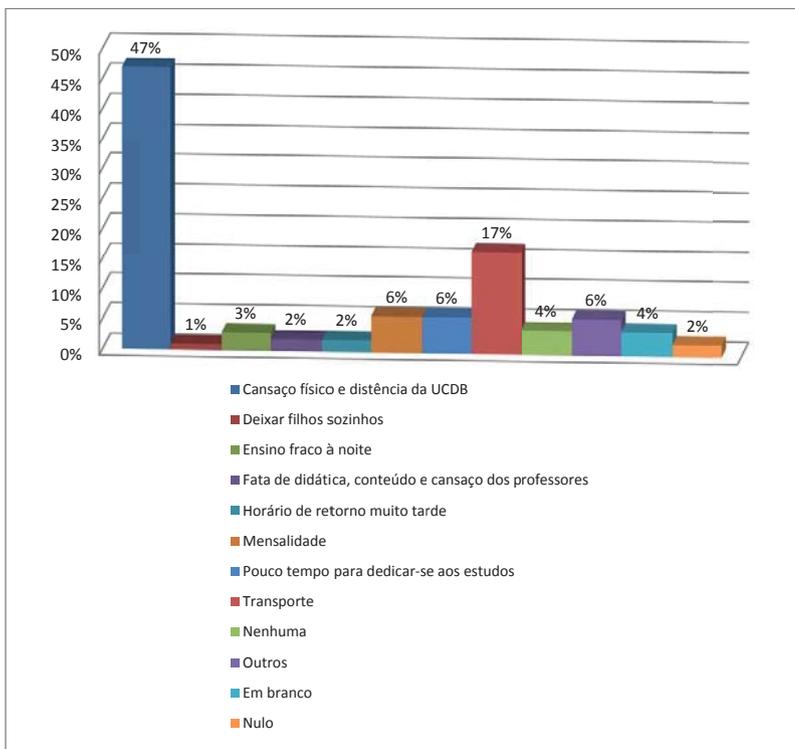
para o seu aprendizado e justifica que:

- seria necessário mais tempo para leitura de livros, textos e pesquisas – 23%;
- devido ao trabalho não sobra tempo e, por isso, só estuda nos intervalos – 16%;
- não estuda mais devido às dificuldades de aprendizagem (entendimento dos textos, assimilação em sala de aula e didática do professor) – 8%;
- não tem condições de estudar mais devido ao cansaço físico, o que acarreta falta de paciência, de disciplina e dificuldade de concentração – 6%.

Dos 33% do grupo de estudantes que afirmaram serem suficientes as horas dedicadas ao estudo extra-classe, 16% anularam a questão ao responder “por que são suficientes?”, demonstrando uma certa insegurança quanto à certeza de sua afirmação; 5% responderam que já têm uma boa base e por isso só estudam para as provas; 5% afirmaram ter facilidade de assimilação e boa memória; 3% disseram que faziam estágio e por isso conseguiam relacionar teoria e prática; 2% responderam que tinham um bom acompanhamento nas aulas e, portanto, não precisavam estudar mais.

Apesar de reconhecer que as horas dedicadas ao estudo não são suficientes para sua aprendizagem, o mesmo dado não foi tão significativo quando o aluno elencou as maiores dificuldades sentidas por ele ao frequentar o curso noturno: 64% disseram que os grandes problemas são o cansaço físico, a distância da UCDB e o transporte; o tempo para o estudo e o valor das mensalidades ficaram com 6% cada um; seguidos do ensino fraco à noite com 3%; horário de retorno muito tarde, 2%; e falta de didática e cansaço dos professores com 2%; conforme demonstra o gráfico abaixo:

Quais são as maiores dificuldades sentidas por você, por freqüentar o curso noturno?



Curioso observar que esta questão era aberta, sem nenhuma alternativa que pudesse induzir os sujeitos da pesquisa o que, de certa forma, é surpreendente no que diz respeito ao pequeno percentual relativo às mensalidades. Este fato pode contribuir significativamente para desmistificar o senso comum de que todas as universidades particulares cobram mensalidades exorbitantes, explorando seus alunos e sendo o maior obstáculo para que eles possam concluir seus cursos.

Outro dado significativo sobre a vida acadêmica é que 85% dos acadêmicos estão concluindo seu curso no tempo

normal previsto pela grade curricular; dos 15% que demoraram mais que o tempo previsto, 7% responderam ter gasto até três anos a mais; 4% de seis a nove anos e 3% de três a seis anos. Os motivos pela demora foram principalmente os recursos financeiros (7%). A questão financeira também esteve presente quando 57% dos acadêmicos responderam que não adquirem livros devido à situação econômica.

Quanto ao hábito de leitura, 38% dos sujeitos da pesquisa afirmaram que compram **apenas os principais** livros indicados pelos professores; 30% **lêem apenas textos xerocopiados**; e somente 23% adquirem os livros necessários ao curso e indicados nas aulas. Com relação ao número de livros específicos do curso, que o aluno possui em sua biblioteca particular, as respostas não foram menos surpreendentes: 27% possuem até 10 livros; 18%, de 10 a 20 livros; e 11% de 20 a 30 livros; demonstrando que o acadêmico não consegue montar sua biblioteca com um número de livros significativos para seguir a carreira profissional. Notou-se, também, que a leitura da área específica é pouco representativa, especialmente levando-se em consideração que esses alunos estão no último ano do curso; 11% leu apenas dois; 6% leu três livros; e 59% leu mais de três livros; mas, mesmo assim, não é o ideal para um formando, principalmente considerando que a maioria, nesta época, está elaborando a monografia de final de curso.

Curioso que 52% dos alunos afirmara que a função que desempenha atualmente em seu local de trabalho tem afinidade com o curso em que está se formando, o que deveria levá-lo a procurar ler mais e adquirir os livros necessários à futura carreira profissional. Mas em contrapartida, 74% dos entrevistados não receberam ainda nenhuma promoção por freqüentarem um curso superior, fato que os leva ao desestímulo no investimento profissional. Apesar disso, 55% pretendem continuar no mesmo emprego após formado porque:

- o trabalho atual está relacionado com a futura profissão, havendo perspectiva de promoção e crescimento profissional - 15%;

- se realiza pessoal e profissionalmente - 15%;
- não tem outra opção (necessidade financeira) - 4%;
- é dono do próprio trabalho - 3%.

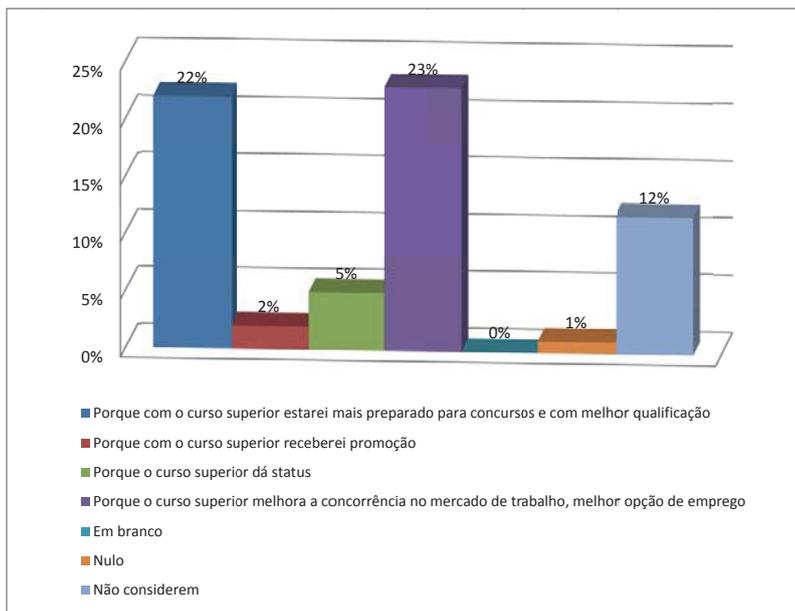
Dos 45% que não querem continuar no mesmo trabalho:

- 16% pretendem exercer a profissão;
- 7% querem algo melhor, com remuneração mais alta;
- 3% têm outras perspectivas e só vai se decidir após formado.

É muito significativo observar que nestas duas questões houve uma margem grande de respostas em branco. Na primeira, o aluno respondeu que pretende continuar no mesmo emprego, mas 18% não souberam responder por quê; na segunda, 12% não disseram o motivo pelo qual não pretendem permanecer no mesmo trabalho, o que vem, de certa forma, demonstrar que o acadêmico tem muita insegurança diante da nova carreira que, para ele, já é uma realidade concreta, pois está se formando.

Quanto à conclusão do curso superior, 22% dos alunos consideram que o mesmo poderá lhes trazer melhor inserção no mercado de trabalho porque estarão melhor qualificados para concursos; 23% disseram que o curso superior melhora a concorrência no mercado de trabalho sem, no entanto, explicitarem por que assim consideram, deixando a resposta em branco, conforme demonstra o seguinte gráfico:

**Você considera que o curso superior (após concluído) poderá lhe trazer melhor inserção no mercado de trabalho? Sim. Por quê?**



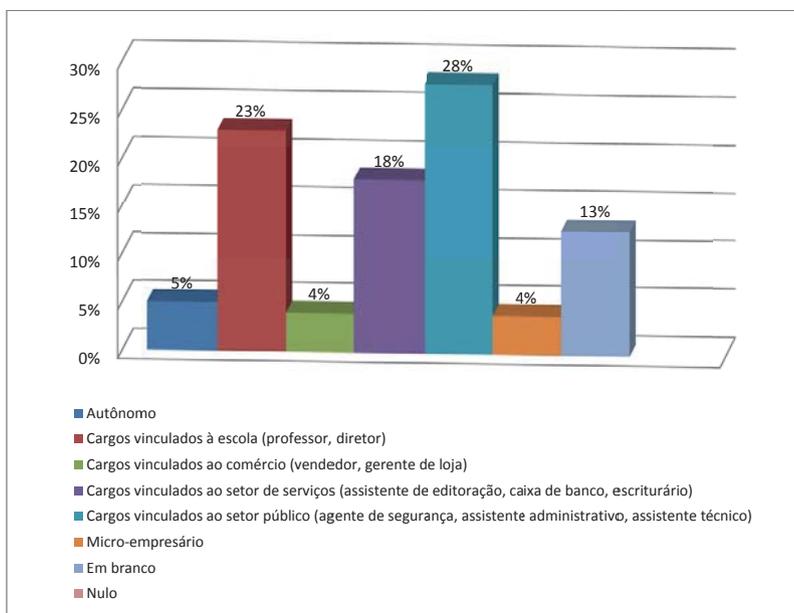
Sobre o significado do diploma superior para o formando, 33% responderam que o mesmo significa a melhoria das atuais condições profissionais; para 32%, o diploma está relacionado à profissão que será assumida como fonte de subsistência; e 21% afirmaram que espera ampliar os conhecimentos; confirmando que a maioria vê o diploma como perspectiva de melhoria das próprias condições de vida.

O estudante-trabalhador da UCDB está engajado nas seguintes áreas do mercado de trabalho:

- 42% em empresas particulares (escritórios, bancos, escolas, consultórios, associações e hospitais);
- 20% em órgãos públicos estaduais;
- 9% em órgãos públicos municipais;
- 8% são autônomos;
- 4% no comércio;
- 3% em órgãos públicos federais;

As funções que os acadêmicos ocupam em seus trabalhos varia de: professor, diretor de escola, vendedor, gerente de loja, assistente administrativo, caixa de banco, escriturário, assistente de editoração e agente de segurança; uma porcentagem pequena é micro-empresário ou autônomo, conforme o gráfico a seguir:

### Qual é o seu cargo?



Estes dados confirmam a hipótese de que a maioria está vinculada ao setor terciário da economia e exerce ocupações burocráticas de prestação de serviços. Para Marília Pontes Spósito, o perfil desses estudantes

*“... confere ao curso superior noturno uma característica determinada, que talvez, possa ser melhor apreendida através das aspirações e representações destes alunos sobre o seu próprio curso e sobre sua relação com o trabalho exercido” (1989:19).*

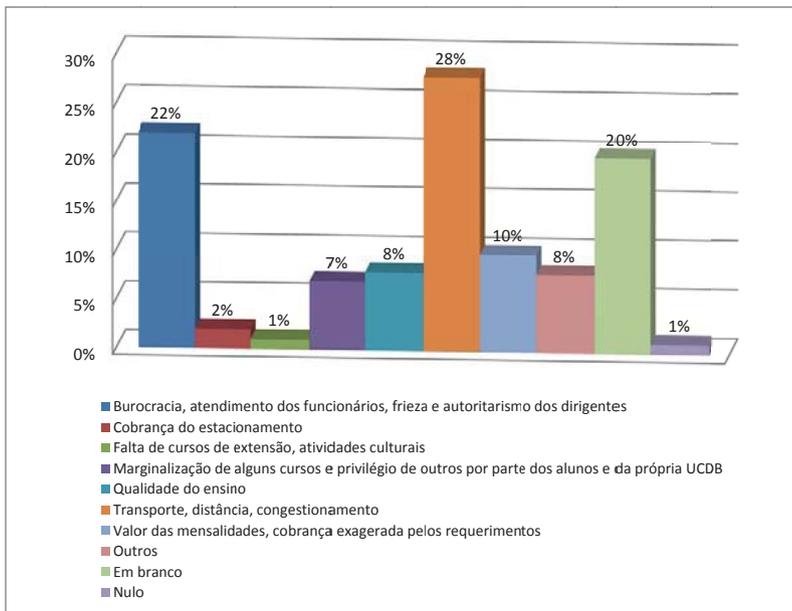
E como a universidade tem se colocado para esses alunos? Antes de tudo, as práticas acadêmicas têm que se direcionar para a especificidade do estudante-trabalhador. Não se trata, em hipótese alguma, de “baixar o nível” da qualidade do ensino

e ser conivente com o ensino reprodutivo e sem criatividade. Conforme Miguel Arroyo, a compreensão dos cursos noturnos deve estar baseada na necessidade de “... *repensar a universidade frente às novas exigências da sociedade e frente à nova função social do Estado...*” (1990:92), colocando o trabalhador, que é um estudante, como o centro de seus projetos e de sua missão institucional.

Com relação à UCDB, acredita-se que esta pesquisa possa apontar alguns elementos para se repensar esta prática. Os entrevistados, 27%, responderam que o convívio acadêmico, o ambiente universitário e o relacionamento com os professores são as características que eles mais gostam na UCDB; o espaço físico foi citado por 21% dos alunos; e, com 8%, a paisagem, as festas, passear pelo pátio, a lanchonete, os(as) garotos(as), o intervalo e a lista de presença. Do curso que está fazendo, somente 4% afirmaram como sendo aquilo que mais gosta e, 4%, da postura da administração e do atendimento do Serviço Social.

Do que eles menos gostam na UCDB, obteve-se o seguinte gráfico:

## O que você menos gosta na UCDB?



Há que se observar que nestas duas questões houve uma possível incoerência, pois a grande maioria disse estar matriculado no curso que escolheu em primeira opção e não trocaria de curso em função do trabalho, mas, mesmo assim, somente 4% afirmaram que o curso é o que ele mais gosta na UCDB, constituindo-se em um dado preocupante e merecedor de maior reflexão.

Os dados revelam pouco envolvimento acadêmico com as atividades da universidade e demonstram que o estudante a freqüenta apenas no horário de suas aulas. Perguntado sobre quais as atividades extra-classe ele participa, obteve-se as seguintes respostas:

- 74% não participam de nenhuma;
- 5% esporte;
- 4% Assistência Jurídica Dom Bosco;
- 2% Pastoral Universitária;
- 1% Coral;
- 1% Teatro;
- 1% Diretório Acadêmico;

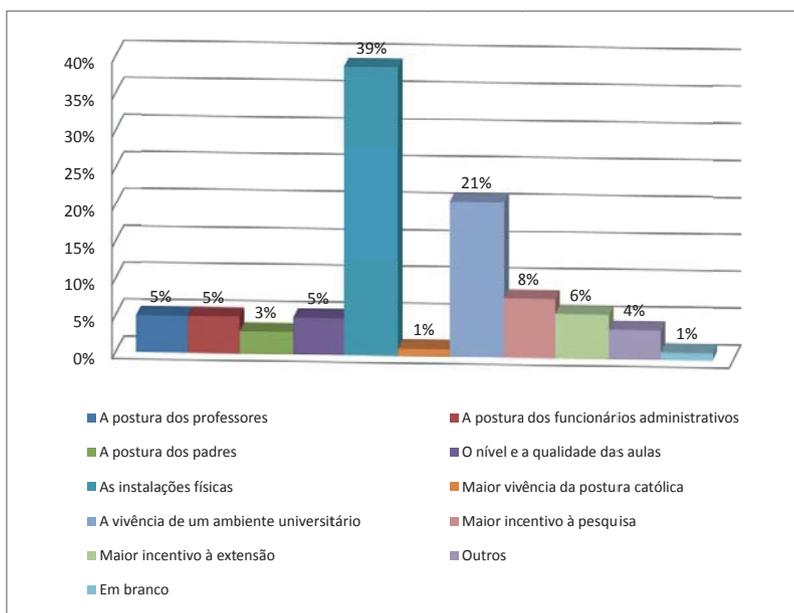
Das atividades de extensão, 40% não participam de nenhuma; 24% de cursos; 17% dos estágios extra-curriculares; e 13% das palestras, o que revela uma relativa participação, já que as atividades (cursos, palestras) normalmente são realizadas no período noturno, são de curta duração e atendem a interesses mais imediatos dos acadêmicos.

A situação se inverte quando a atividade é a pesquisa, na qual 81% dos acadêmicos nunca participaram de nenhum tipo de pesquisa; 11% afirmaram ter participado na confecção do Manual de Recursos Sócio-Institucionais de Campo Grande (Curso de Serviço Social); 3% disseram que já fizeram pesquisa de campo sem especificar de que tipo; 1% participou do Núcleo de Estudos da Família (NEF) e 1% do Programa de Educação de Adultos.

Os dados da extensão e da pesquisa não devem ser considerados como surpresa para a UCDB, haja vista que, tradicionalmente, a universidade sempre teve maior compromisso com a extensão universitária através da qual presta inúmeros serviços à comunidade local e regional. Eles apenas confirmam a necessidade de maior envolvimento com a pesquisa e, fundamentalmente, devem apontar para a necessidade de se refletir sobre como envolver os acadêmicos nas atividades universitárias, essenciais para o processo de formação global e a competência técnico-científica dos futuros profissionais.

Com relação ainda à UCDB, uma questão fundamental a ser analisada é a visão dos alunos sobre o que mudou com a transformação das Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso - FUCMT em Universidade Católica Dom Bosco - UCDB. Segundo as respostas, estas foram as mudanças mais visíveis:

O que mudou com a transformação da FUCMT em UCDB?



Os dados revelam que os aspectos externos foram mais identificados pelos alunos como relevantes na transformação da FUCMT em UCDB. A questão do ensino, a qualidade e o conteúdo das aulas, as atividades de pesquisa e extensão não foram lembradas como aspectos preponderantes. Por um lado, justificam-se as respostas, pois em seus primeiros anos como Universidade (reconhecida em outubro/93), os aspectos físicos

da UCDB (39% das respostas) são os que mais se sobrepõem, haja vista a mudança total do antigo prédio para o novo - muito mais arrojado e próprio a uma universidade. Por outro, há que se ressaltar a dificuldade que os alunos sentem em identificar as mudanças estruturais, pois as mesmas podem realmente não estar sendo percebidas no dia-a-dia da aula, ou então não tiveram o seu retorno no cotidiano do aluno, embora 21% já tenham identificado a vivência do ambiente universitário como aspecto preponderante desta nova fase.

Cabe ainda analisar os itens vinculados à característica cristã-comunitária da UCDB. Os acadêmicos responderam que a identificam nas seguintes atividades:

- nas missas das quintas-feiras - 31%.
- nas atividades da Pastoral Universitária - 13%;
- somente nas aulas de Cultura Teológica - 9%;
- nas atividades de extensão comunitária - 9%;
- na postura dos professores - 6%;
- na postura dos padres - 6%;
- nos currículos e ementas das disciplinas - 5%;
- nas atitudes dos colegas - 5%;
- nas aulas que não são de Cultura Teológica - 4%;
- não identifica nenhuma característica católica - 4%.

Observou-se que, apesar de ser católica e comunitária, a identidade da UCDB e sua missão institucional estão restritas às missas e à Pastoral Universitária. Estes dados sugerem que, na Universidade, os diversos setores não vivenciam ou não

conhecem o seu perfil institucional, o que reflete diretamente em suas práticas acadêmicas.

Apesar de 64% dos alunos terem afirmado serem católicos, apenas 35% participam das missas e 9% de atividades comunitárias, evidenciando que o aspecto da religião remete a uma reflexão mais profunda sobre o papel da igreja na sociedade contemporânea.

Finalmente, as análises aqui apresentadas apontam para a necessidade de aprofundamento teórico da realidade vivenciada pelos estudantes-trabalhadores; isto será construído na segunda etapa da pesquisa, quando os pesquisadores pretendem realizar entrevistas gravadas com os acadêmicos, com o objetivo de captar as aspirações e representações deste segmento universitário sobre a sua vida acadêmica, o curso escolhido e sua inserção no mercado de trabalho.

## **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

ARROYO, Miguel G. A Universidade, o Trabalhador e o Curso Noturno. Em: *Estudos e Debates*. Revista do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras. Brasília : CRUB, (17), julho de 1990, pp. 91-94.

BARROS, Aidil Jesus Paes de e LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. *Fundamentos de Metodologia*. São Paulo : McGraw-Hill, 1986.

BERCHEM, Theodor. *A Missão da Universidade na Formação e no Desenvolvimento Culturais: a Diversidade no Reino da Universidade*. Trad. Norberto Francisco Rauch, Porto Alegre : PUCRS, 1992.

- BITTAR, Mariluce e BITTAR, Marisa. A Universidade e o Estudante-Trabalhador. In: *KO'EMBÁ PYTÃ*, Revista de Cultura da Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande : UCDB, Ano I, (3), 1993, p. 124-132.
- BRUYNE, Paul et alii. *Dinâmica da Pesquisa em Ciências Sociais*. 2.ed. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1982.
- CASTANHO, Maria Eugênia. *Universidade à Noite: Fim ou Começo de Jornada?* São Paulo : Papirus, 1989.
- CONCEPÇÃO E PERFIL DA UCDB. Campo Grande: FUCMT, 1992.
- DURHAN, Eunice Ribeiro. *Uma Política para o Ensino Superior*. São Paulo : USP-NUPES, fevereiro, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Os Desafios da Reforma Universitária*. São Paulo: USP-NUPES, fevereiro, 1989.
- FALISE, Michel. *A Universidade Católica: Um Projeto para os Professores*. Trad. Dionísio Fuertes Alvarez. Porto Alegre: PUCRS, 1992.
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo : Atlas, 1995.
- GOMEZ, Carlos Minayo et alii. *Trabalho e Conhecimento: dilemas na educação do trabalhador*. 2.ed. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1989.
- LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo : Atlas, 1985.
- MARTINS, Carlos Benedito (org.). *Ensino Superior Brasileiro - transformações e perspectivas*. São Paulo : Editora Brasiliense, 1989.

\_\_\_\_\_. *O Público e o Privado na Educação Superior Brasileira nos Anos 80*. Campinas : Papyrus, Cadernos CEDES, (25), 1991.

SPÓSITO, Marília Pontes. *O trabalhador-estudante*. São Paulo : Cortez, 1989.

UCDB. *Dossiê Informativo*. Campo Grande : FUCMT, 1993.

UCDB. *O Projeto Pedagógico*. Campo Grande : FUCMT, 1991.